

Religiosos como líderes de opinião: O duplo fluxo de comunicação e a pós-verdade religiosa¹

Henrique SANTOS²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este trabalho aplica a teoria do duplo fluxo de comunicação (*two-step flow of communication*) na relação da religião evangélica brasileira no cenário do jornalismo em crise de confiabilidade. As reflexões aqui abordadas levam a entender o papel social de influência dos líderes religiosos nas emissões de opiniões de cunho extra-religioso e a vulnerabilidade à desinformação a partir de uma leitura da realidade fundamentada na pós-verdade travestida de religião.

Palavras-Chave: Evangélicos, líderes de opinião, duplo fluxo da comunicação, jornalismo, desinformação.

1. INTRODUÇÃO

A religião é uma manifestação essencialmente social. Ela nasce e desenvolve-se pelas interações entre os indivíduos, corroborando com o seu autoconhecimento e a leitura do mundo que o cerca, em outras palavras, o *cosmos*. Até porque a religião se estabelece em pressupostos que se posicionam na interpretação de todas as coisas, desde a origem até o fim do universo. Evidentemente, as religiões são múltiplas, multifacetadas e diversas, contudo, na busca por seus sustentáculos elementares, Durkheim (2000) a compreendia como

[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. (DURKHEIM, 2000, p. 32).

Portanto, para o referido autor, a religião é semelhante a um encadeamento de códigos que sugerem uma expressão humana na apropriação do que é entendido por sagrado. Além disso, ela também é inconcebida longe do entendimento de sua coletividade - igreja. Sem o dinamismo social, ela não se fundamenta, nem consegue construir os laços de reconhecimento necessários para seus efeitos, principalmente de leitura do *cosmos*. Consideramos aqui por *leitura do cosmos* aquilo que Durkheim (2000) percebia como sendo a separação entre sagrado e profano - uma compreensão dicotômica influente capaz de construir e estimular comportamentos e dar forma a uma cultura na comunidade religiosa. Portanto, está em concordância com a dialética relação entre indivíduo e meio defendida por Bourdieu (2011). Para o teórico francês, os poderes dominantes da sociedade/comunidade imprimem influências nos indivíduos, os quais, por sua vez, ainda que consigam agir por conta própria, não estão isentos desses estímulos externos, formando um *habitus* (BOURDIEU, 2011).

Por outro lado, mais próximo do *Cristianismo puro e simples*, Lewis (2017) destaca uma perspectiva ainda mais universalizada dessa dicotomia, denominando-a de

¹ Trabalho apresentado no GP Religião, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: henrique.jonatas@ufpe.br

Lei Natural. O filósofo, sobretudo um apologista da fé cristã, entendia a dicotomia religiosa como tipologia do universal “Certo” e “Errado”. Esses, por sua vez, transcendem a cultura cristã e se constroem comumente embora surjam em múltiplos contextos culturais e dialéticas historiográficas. Para o filósofo cristão, acima das diferenças primárias, existem aspectos morais gerais que são sensíveis e uníssonos para diferentes povos.

“Está certo que há diferenças entre as suas moralidades, mas elas nunca chegaram a se configurar como uma diferença total. Se alguém se desse ao trabalho de comparar os ensinamentos morais dos antigos egípcios, dos babilônios, dos hindus, dos chineses, dos gregos e dos romanos, ficaria de fato impressionado com a semelhança que têm entre si e também em relação ao nosso ensinamento moral.” (LEWIS, 2017, p. 32).

É possível perceber algumas relações entre esses conceitos, mas não uma equivalência. Enquanto Durkheim (2000) percebe a dicotomia polarizada de categorias de naturezas aversas, contrastantes e incompatíveis entre si como um produto da religião, Lewis (2017) a assimila através de uma compreensão universal da moralidade que transborda na cultura religiosa. A distinção de perspectivas se dá pelas diferentes intenções de cada abordagem. O primeiro queria analisar o elementar das experiências religiosas, enquanto o segundo, estabelecer um tratado da fé cristã em sintonia com suas múltiplas expressões ao redor do mundo. Portanto, para Lewis (2017), os códigos morais universais foram inscritos pelo próprio Deus, sendo uma evidência de sua manifestação na estruturação social da humanidade.

É sobre essa perspectiva Lewisiana (embora não seja exclusiva de Lewis) que grande parte do pensamento cristão se flexiona: a dicotomia da religião (sua ótica moral de análise do mundo), para os religiosos, não surge da coletividade, mas da interação do divino com o habitat humano, em outras palavras, são respostas aos estímulos de forças sobrenaturais sobre as naturais. Desta maneira, compreende-se a própria fé como as lentes infalíveis de *leitura do cosmos* através dos códigos da divindade transcendente que segrega: bem e o mal (Rm 12:21); luz e trevas (2Co 6:14); trigo e joio (Mt 13:24-30). Essa concepção também está embutida na primeira abordagem sobre o assunto pensada por Bourdieu (2011) ao compreender

a religião como língua, ou seja, ao mesmo tempo enquanto um instrumento de *comunicação* e enquanto um instrumento de *conhecimento*, ou melhor, enquanto um *veículo simbólico a um tempo estruturado* (e portanto, passível de uma análise estrutural) e *estruturante*, e a encara enquanto condição de possibilidade desta forma primordial de consenso que constitui o acordo quanto ao sentido dos signos e quanto ao sentido do mundo que os primeiros permitem construir (BOURDIEU, 2011, p. 28).

Dessa maneira, a religião contorna-se com uma poderosa fonte agregadora de sentidos aos fenômenos naturais, sociais, políticos, espirituais e de quaisquer outra natureza. A partir daí, tendo em vista que se sustenta na comunicação, é totalmente dependente de interações humanas para conferirem sentido aos signos dessa língua. Outrossim, a aceitabilidade de suas respostas e explicações sobre o mundo são condições basilares para sua perpetuação e existência entre os povos, pois se estrutura nessa perspectiva e, ao mesmo tempo, estrutura o *cosmos* ao seu redor. Patriota (2008) entende que para o pensamento funcionalista

a acuidade da religião estaria em sua capacidade de alçar o ser humano acima de si próprio, munindo-o de uma força que o domina e da qual, ao mesmo tempo, participa. A religião, por conseguinte, não seria apenas um conjunto de

idéias, de representações e de crenças, mas um sistema de forças, que possibilitaria o agir humano no mundo e na sociedade. [...] Dessa forma, postula que o agir humano no mundo e a sociedade não é individual, mas coletivo, de modo a requerer uma integração social que está sujeita ao sistema de significados comuns aos participantes dessa determinada sociedade. Resultado: sociedade e experiência religiosa se confundem, uma vez que a sociedade é entendida como intrinsecamente religiosa. A religião desempenharia, pois, uma função fundamental para a coesão social. (PATRIOTA, 2008, p.64)

Chegamos então a uma percepção arrojada de como a religião e a sociedade são mutuamente influenciadas e do poder simbólico religioso na transformação da paisagem social. Até porque Patriota (2008) assegura-a como *sistema de forças* que viabiliza ações humanas, em outras palavras, permite sua autonomia e sua chance de protagonismo a partir de sua integração na comunidade. Tal pensamento coaduna na capacidade que a fé possui de *alçar o ser humano acima de si próprio*, reorganizando-o socialmente em cima de projeções maiores do que sua realidade congênita, mas sobretudo, estabelecendo no indivíduo uma espécie de domínio que não impede sua autonomia, a rigor. Portanto, a mesma força que transforma o indivíduo (posiciona-o e encaixa-o socialmente) é a mesma que lhe apresenta o mundo através de suas perspectivas, teorias, signos, representações, conceitos e preconceitos. Assim sendo, conseguimos chegar mais perto de entender a força dos líderes religiosos e o papel da religião na sua proposta de leitura do mundo, da realidade e do *cosmos*.

2. A NOVA CRISE DO JORNALISMO PÓS-MODERNO

Quando reflete-se sobre o potencial de leituras da realidade distintas e paralelas acontecendo na sociedade entende-se a complexidade de um fenômeno abstrato em um mundo permeado por discussões, como é o caso do Século XXI. Polêmicas, debates, polarização política, desinformação, negacionismo da ciência, (re)interpretações históricas, depreciação popular do jornalismo e dos veículos de mídia e imprensa, geram muita instabilidade social. Contudo, se agitadas ondas ameaçam as instituições que historicamente se propuseram a ler o mundo notável, águas mais brandas parecem cercar o poder de influência dos olhares religiosos.

Rüdiger (2021) aponta uma crise do jornalismo moderno pela multiplicação de vozes midiáticas acirrando as disputas pela audiência. São muitos estímulos, contradições, versões, formatos de texto e notícias que escasseiam o jornalismo profissional e sucateiam o seu lugar de atuação. Além disso, o ode à velocidade das notícias aparece também como um dos agravantes dessa disputa, construindo uma avalanche de informações diárias que deixam o público cada vez menos sensível e as notícias anódinas (RÜDIGER, 2021). Essa conjuntura desfavorece o jornalismo crítico já que os holofotes buscam cada vez mais o *showrnalismo* (ARBEX, 2002) pela lógica do mercado de mídia. Nesse jornalismo moderno apontado por Arbex (2002), a romantização das histórias, a modulação estética e até a performance do repórter são projetadas para o encantamento do público através de apelos emocionais.

Marilena Chauí (2006) encara complexidades nesses *modus operandi* dos jornalistas na pós-modernidade. Para ela, a saturação da informação, a espetacularização da notícia, a fragmentação do real e a psicologização dos acontecimentos favorece a alienação do público através do bloqueio crítico. Fomenta-se, nessa perspectiva, um cenário que contribui para que “o jornalismo se torne protagonista da destruição da opinião pública” (CHAUÍ, 2006, p.14). Fato é que o trabalho jornalístico é permeado por

pretensões mercadológicas e funciona dentro de um universo próprio do capital. Acontece, portanto, que “O jornalismo perdeu praticamente a eventual autonomia que teria possuído, foi virtualmente absorvido por um novo poder, a chamada mídia corporativa transnacional, derradeiro avatar do velho imperialismo.” (RÜDIGER, 2021, p.183). Ancorado em Arbex (2002), o professor Rüdiger ainda aponta, como consequências dessa configuração, que

O público é cada vez mais passivo e servil diante de instrumentos ao mesmo tempo fantasiosos e hipnóticos, que não apenas o privam do contato com a realidade que um jornalismo independente poderia lhe fornecer, mas o sujeitam às pautas de interesse exclusivamente do capital. (RÜDIGER, 2021, p.183).

Retroalimentando o sistema, quanto mais se oferece *shownalismo* mais o público tende a se adaptar a essa proposta e movimentar o mercado nessa direção. Cristina Ponte (2005) também apreende essa transformação narrativa dos jornalistas e sugere que a conjuntura apresentada ao público é melodramática, construindo lógicas de vilões e vítimas. Essa maneira de reportar apresenta um mundo regido por forças e valores morais e emocionais que sugerem representação e identificação.

Ao constituírem boas vítimas, as notícias devem colocar o leitor num lugar não de puro espectador, mas de envolvimento. Uma boa vítima é acima de tudo uma pessoa/personagem com quem cada um pode compadecer-se ou identificar-se. O processo que leva a esse compadecimento significa que a história da notícia tem de incorporar, de forma rápida, um modo pelo qual o leitor possa entrar em relação com os indivíduos envolvidos no evento. (LANGER, 1992 *apud* PONTE, 2005, p 65)

A forma ganha mais visibilidade e procura do que o próprio conteúdo. Além disso, há sensível superficialidade o que dá margem para satisfação popular diante dos fatos como se fossem resultados do acaso ou do destino. Por isso, Ponte (2005) alerta para essa conjuntura dos *fait-divers* com ao menos três características: *primeiramente* um apelo ao pensamento natural e emocional, trabalhando oposições, similitudes e ressonâncias afetivas; *segundo*, um uso de apreensão epidérmico alinhado a considerações psicológicas semelhante a projeção e identificação; por fim, a inexigência de criticidade para sua leitura.

Reifica-se a dor de uns e espetaculariza-se a de outros. A frieza de poucas palavras para algumas notícias, sem dar causas e efeitos e sem consultar mais fontes (não problematização das pautas), geram margem à desesperança na leitura de um mundo sem respostas.

Constrói-se assim uma história da fatalidade, do inexplicável num primeiro momento, numa lógica melodramática. Para essa construção não são imprescindíveis grandes efeitos dramáticos orientados para as emoções: a repetição quase diária, exaustiva, pura e simples de ocorrências como acidentes no lar ou fora dele, de que são vítimas crianças de tenra idade, em notícias de parágrafo único, escritas num registro factual e fragmentado, sem contexto, cria também um efeito de série, uma reificação, a preponderância de um universo mítico e de uma vontade externa, toda-poderosa, a do destino. (PONTE, 2005, p.67).

Portanto, a expressão do jornalismo tradicional, culturalmente estabelecida como instância da extração da verdade fatural do mundo, para Bucci (2009), está “marcadamente estético”, repleto de “apelos emocionais”, rendido às “leis do entretenimento” (Bucci, 2009, p. 69). Essa crise do jornalismo atual não apenas o ameaça, mas o questiona acerca da sua própria missão social, pois a sociedade precisa de informações, tem sede delas. Caso o jornalismo, como conhecemos, se afaste de sua

posição de estímulo ao criticismo na formação da opinião pública (têm se afastado), outras forças granjearão esse espaço (já granjeiam).

3. SURGIMENTO DOS LÍDERES DE OPINIÃO RELIGIOSOS

Enquanto o jornalismo vivencia uma conturbada relação com o seu público, as vozes dos líderes de opinião seguem em alta de crédito e confiabilidade dentro do seu segmento. Com a multiplicidade das redes sociais nas plataformas digitais, eles surgem como vozes destacáveis e que geram movimentos próprios. São personalidades que sempre existiram no espaço social, como atores protagonistas do desenvolvimento local, independentemente se são personalidades individuais ou coletivas. Sabourin (2002) concorda que atores são os agentes sociais e econômicos, indivíduos e instituições, que realizam ou desempenham atividades, ou, então, mantêm relações num determinado território.

Indiscutivelmente, tais atores são dinâmicos e formam uma categoria que fomenta muitos fenômenos. Souza (1991) também assegura que o ator é um ser que age por representação, encarnando um papel social dentro de um contexto e de uma gama de interações e relações. Nesse sentido, conseguimos conjecturá-los como encarnações de ideias, reivindicações, ideais, projetos, promessas e denúncias. No espaço da comunicação, um ator social é percebido como líder de opinião quando ele se torna um

[...] indivíduo que, no meio da malha social, influencia outros indivíduos na tomada de decisão. Criou-se então o modelo do ‘two-step flow of communication’, que entende a comunicação como um processo que se dá num fluxo em dois níveis: dos meios aos líderes e dos líderes às demais pessoas. (ARAÚJO, 2015, p. 128).

A *two-step flow of communication* é um conceito pensado entre as décadas de 40 e 50 por Paul Lazarsfeld, Bernard Berelson e Hazel Gaudet. As pesquisas desses teóricos surgem como contrassenso às noções simplistas do público consumidor de mídia da teoria hipodérmica. Portanto, o que a teoria dos dois fluxos ou dois níveis de comunicação prescreve é uma passagem primária de informações dos meios aos líderes de opinião, os quais se encarregam de recebê-las, interpretá-las e passá-las aos seus *liderados*.

É válido ressaltar que essa influência e as representações sociais que se constroem em torno dos líderes de opinião se dão socialmente. Katz & Lazarsfeld (1955) percebem que a influência surge justamente pela persuasão social dos grupos que se formam ao redor desses indivíduos. Os contrapontos, para os teóricos, são parte do mecanismo de engate de representação dos mesmos. Em outras palavras, quando a mídia e o líder de opinião entram em desacordo, a voz desse ator social será ainda mais forte e influente na sua comunidade, haja vista que ele a remontará a partir da sua subjetividade, com juízo de valor e munido pelas armas de convencimento.

Uma alternativa para entendermos as construções sociais desses personagens influenciadores se dá pela cultura da inspiração (CASAQUI, 2007). Na perspectiva de que as pessoas sempre buscam modelos, referências personalidades que sejam próprias para sua representação. Daí, a inclinação dos seres humanos à organização política de poder centralizado no monarca, no chanceler, no presidente, enfim. Na ambiência religiosa, tanto revela-se por uma possível inclinação à idolatria, como também na fé em busca pelo Messias. Bourdieu (2011) talvez percebesse nessas figuras, um capital social muito relevante, mas, sobretudo, um capital simbólico que lhes remetesse à posição em que ocupam.

Nesse contexto, há muita semelhança entre os atores sociais/líderes de opinião e o perfil messiânico das figuras religiosas. Moisés, por exemplo, recebia de Deus leis,

orientações e revelações e as passava para o povo hebreu durante sua jornada rumo a Canaã durante o relato bíblico do Êxodo (A BÍBLIA, 2008). Em dois níveis, a comunicação do Deus de Israel parece sempre acontecer na narrativa judaico-cristã. Dessa forma, o *mensageiro divino* tornava-se um protagonista da comunidade hebraica e uma personalidade de muito respeito. É válido pontuar que além de oráculo, Moisés ainda foi mentor, guia, juiz, legislador e exercia uma papel de governança na grande multidão que o seguia.

Essa experiência não foi exclusiva de Moisés, mas grande parte dos outros nomes bíblicos com ministério profético vivenciaram essa encarnação de valores que lhes atribuíam não apenas as orientações divinas como a própria interpretação das mesmas. Fomentando assim, um entendimento já construído a partir da distinção entre Certo/Santo e Errado/Profano. Por isso, João Batista levanta a voz contra Herodes (Evangelho de Marcos 6:14-20); Elias confronta o Rei Acabe e sua esposa Jezabel (1º Livro dos Reis 18:17-39); Samuel constrange o Rei Saul (1º Livro de Samuel 15). Esses homens, e muitos outros, não apenas repassam as informações recebidas por Deus, mas as interpretam, as enxergam no mundo ao seu redor, inclusive nas questões sociais de injustiça (Oséias 6:9), desigualdade social (Isaías 5:8), na exploração dos mais pobres (Isaías 10:1-2) e nas crises vivenciadas pela violência (Miquéias 7:12) ou questões naturais (Habacuque 3:17).

Em nossos dias, tais atores/líderes de opinião (com revestimento de autoridade religiosa) continuam a surgir no seio da sociedade. Eles não necessariamente estão na intermediação das informações sociais, como aqueles estudados nos anos 40/50 quando a teoria do duplo fluxo de comunicação foi pensada e tensionada, como bem aponta Araujo (2015). Agora, protagonizam forte influência crítica entre os pertencentes de sua comunidade de fé na construção do imaginário coletivo, encaminhando o entendimento do real em uma direção específica. Corroboram, dessa forma, com um alinhamento de concordância entre os influenciáveis, de maneira conjunta, a um entendimento uníssono na leitura das notícias e do mundo ao seu redor. Diversos pesquisadores já sentiram de alguma forma aspectos desse fenômeno que envolve comunicação e religião.

Luz (2020) percebeu a potência de construção de sentidos (modulação do imaginário) na comunidade evangélica a partir da análise das telenovelas Babilônia e Os Dez Mandamentos. Silva (2022) percebe como o discurso neopentecostal dinamiza-se na tela do entretenimento religioso em “Os Dez Mandamentos - O Filme”, reforçando conceitos como batalha espiritual e a teologia da prosperidade. De Souza (2021) percebeu nuances do discurso conservador evangélico durante as eleições de 2020, através dos perfis do Instagram dos pastores Silas Malafaia e Henrique Vieira, além de notar a presença de muita desinformação, Fake News e de teorias da conspiração entre comunidades evangélicas. Por fim, Fonseca e Dias (2021) em seu relatório de pesquisa de abrangência nacional revelaram que 77,6% dos evangélicos que compuseram a amostra revelaram já terem recebido peças de desinformação através de grupos religiosos no whatsapp.

A situação é ainda mais grave quando pensamos nos perfis de religiosos que se colocam como oráculos de Deus e convertem suas próprias opiniões e leituras do mundo como respaldadas pela própria divindade.

4. A LEITURA DA REALIDADE DOS LÍDERES DE OPINIÃO RELIGIOSOS

Rüdiger (2021) acredita que o jornalismo deve seguir por um caminho de incorporação de novas linguagens como literatura, música e cinema, concordando com a

fusão dos gêneros opinativo e noticioso com editoriais posicionadas política e ideologicamente. Por outro lado, o empreendedorismo deve caminhar pelo publicismo hiperdemocrático na provocação de debates com temas de interesse social. Esse seria o neojornalismo (RÜDIGER, 2021). Contudo, essas projeções não enfrentam a crise da credibilidade e a disputa do neojornalismo na opinião pública que está cada vez mais fragmentada e ainda refém, em nichos, pelos incontáveis líderes de opinião.

Os líderes religiosos ainda que não mediem as notícias, estão solidificados socialmente e com alto poder de convencimento, persuasão e estímulo das massas (ainda que tensione-se aqui o alto número de igrejas com conglomerados de mídia - construindo um jornalismo evangélico carente de estudos). Breton (1999) em seu livro *A manipulação da palavra* reverbera o quanto desde o século XIX a *palavra* como o atributo quase divino da oratória se tornou fundamental no convencimento das pessoas de maneira massificada. Quando aproxima-se de destacar do convencimento dos *novos messianismos* em segmentos religiosos, Breton (1999) ressalta que

vê-se o integrismo, os integrismos, saídos praticamente do nada há alguns anos, tomar hoje de assalto consciências muçulmanas, judias, cristãs ou hinduístas. Seu sucesso liga-se também ao fato de restituírem - bastante provisoriamente, sem dúvida - certa dignidade àqueles a quem suas mensagens inflamadas se dirigem. Os que nada têm, os que são desprezados, aqueles a quem mais ninguém se dirigiria se encontram de novo em posição de ser “pessoas suscetíveis de ser convencidas”. (BRETON, 1999, p.38)

O integrismo que pode ser lido como conservadorismo é uma questão que muito reverberou-se desde o tempo em que o livro foi escrito. Hoje, mais do que nunca, essa discussão está em alta, pois o conservadorismo teológico ou fundamentalismo religioso torna-se cada vez mais um pressuposto para muitas comunidades de fé, a partir da influência dos seus líderes.

Outro ponto que se destaca nesse emaranhado é o ponto que para Breton (1999) é o elemento fundamental para o sucesso da *palavra* religiosa: o poder de restituição de dignidade do seu público, majoritariamente, carente de atenção e visibilidade. Inclusive, essa *palavra* religiosa é concebida como “mensagens inflamadas” (BRETON, 1999, p.38) o que nos leva a perceber que esse não é um discurso voltado ao despertar crítico, mas principalmente carregado de apelos emocionais na esfera da interdiscursividade. Remete-se, portanto, o quanto esse espaço discursivo é perpassado por muitas influências e pode se constituir como uma seara fértil para pós-verdade e desinformação transtornando os debates no espaço público.

Patriota (2008) percebe que na seara das igrejas neopentecostais, mais precisamente as que se propagaram pela TV aberta na primeira década dos anos 2000 que “todo o discurso da igreja é alicerçado sobre o fim do sofrimento e a experiência de uma vida de abundância e prosperidade” (PATRIOTA, 2008, p 152). O impacto da teologia da prosperidade na vida de sujeitos invisibilizados socialmente é mais forte do que qualquer sociologia possa desenhar. Por isso, a adesão é tão massificada. As almas se enchem de santa expectativa. A igreja se enche de fiéis. Os fiéis se enchem de tanta dignidade que passam a sonhar que um dia entrarão nas filas da congregação para contar diretamente ao Pastor o seu testemunho inspirador (PATRIOTA, 2008).

Nessa conjuntura, nota-se a autoridade religiosa como um poderoso e inspirador ator social e líder de opinião digno de reverência. Foucault (2008) compreendia o pastorado como uma enorme influência sobre as comunidades cristãs, ainda que o distinguisse do poder político, pedagógico e retórico, mas entende que

O pastorado no cristianismo deu lugar a toda uma arte de conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens, uma arte de segui-los e de empurrá-los passo a passo, uma arte que tem a função de encarregar-se dos homens coletiva e individualmente ao longo de toda a vida deles e a cada passo de sua existência. (FOUCAULT, 2008, p. 219)

Essa condução permeada de autoridade religiosa influencia a forma com que o cristão se relaciona diretamente com o espaço público que é, sobretudo, um espaço comunicativo. E, a partir dessa percepção, Bucci (2009), indica um caminho interpretativo da realidade mediada, oriunda das formas de representação de mundo que se manifestam, a rigor, discursivamente. Inclusive, sentencia:

A realidade é, sim, uma construção discursiva; ela não é uma coisa, não é algo que se pegue com as mãos, mas uma representação que adquire capacidade de nomear as coisas – que, estas sim, uma vez nomeadas, pegamos com as mãos. (Bucci, 2009, p. 66).

Percebe-se, assim, algo que nós podemos chamar de Complexo de Adão - influência religiosa na *nomeação* (categorização, observação, interpretação e enunciação) da realidade, baseando-se na abstração da fé que é “o firme fundamento das coisas que se esperam e a certeza das coisas que não se vêem”, segundo A BÍBLIA (2008, Hebreus 11:1). Embora, dentro do contexto religioso, essa narrativa tenha elementos simbólicos coesos e coerentes, na relação direta com a interpretação da realidade há uma complexidade maior e perigosa que pode influenciar pessoas de fé ao entendimento manipulado de sua realidade a partir de uma leitura pura do que os *olhos não vêem*. Em outras palavras, a leitura da realidade baseada apenas na fé não-crítica pode levá-los a sacralizar elementos que, em um primeiro momento, apresentam-se santos e “Certos”, mas que essencialmente são profanos e “Errados”.

Não é que um jornalismo cristão, ou essencialmente evangélico com uma leitura religiosa da realidade seja um problema ou instrumento de manipulação. Inclusive, pode até se tornar um caminho para o combate à desinformação entre fiéis, através de uma abordagem ética, profissional, honesta e fundamentada em Cristo na leitura da realidade. Entretanto, é preciso encará-lo dentro de uma natureza falibilista, assim como todas as demais pretensões. Em outras palavras, entendê-lo como atividade humana e não como divina ou ministerial e, portanto, é passível de erro.

5. CONCLUSÕES

Daniel Cornu (1994) foi um entusiasta da hermenêutica do real dentro de uma leitura cristã. O teórico via um grande potencial nessa proposta de jornalismo. Contudo, ele enfatiza que a verdade como premissa fundamental é um grande perigo por induzir ao totalitarismo. Nesse contexto, pode-se inferir que para o cristianismo a verdade é personificada em Cristo, mas no jornalismo, a verdade, apesar de ser uma exigência, só pode ser apreendida por caminhos subjetivos e que podem ser montados, remontados, alterados, alternados, tensionados e questionados.

Entretanto, na conjuntura social de crise do jornalismo como fonte confiável na formulação da opinião pública e uma crescente de líderes de opinião evangélicos, tensiona-se o poder da palavra (BRETON, 1999) nos discursos religiosos. Sendo esse um campo fértil à pós-verdade por assegurar-se em símbolos abstratos na leitura da realidade. Ainda que a fé cristã assegure que a verdade é universal, moral e centralizada na persona de Cristo, é necessário compreender que a leitura do *cosmos* sempre estará sujeita a subjetividades em três níveis: observação, interpretação e narração (CORNU, 1994).

Na ordem da observação, Daniel Cornu (1994) acentua que um comunicador se relaciona com os fatos/acontecimentos através de sua subjetividade. O que desmonta qualquer ideia de conseguir apreender a realidade de maneira puramente objetiva. Assim, a relação do indivíduo com os valores (religiosos) não invalidam a leitura de sua percepção, desde que se proponha a fazê-la de maneira honesta (sem dissimular a relação com os valores) e ciente que seus resultados são válidos apenas dentro do seu recorte.

Na ordem da interpretação, Cornu (1994) apresenta a subjetividade do indivíduo atuando na montagem dos sentidos dos fatos a ele apresentados. O melhor combate à pós-verdade nessa instância se dá pelo criticismo às grelhas interpretativas - sempre construídas socialmente. Tal como é necessário desafiar-se a incluir situações alheias às suas próprias convicções como respaldo de sua abertura a perceber os dinamismos de um mundo inegável em sua totalidade, dada sua complexidade.

Na ordem da narração, Daniel Cornu (1994) aciona o perigoso caminho de acionar uma falsa consciência de si que reluta em declarar verdades e assegurá-las meramente pelo discurso. O caminho mais sincero, para o autor, é a de revelar com transparência a sensibilidade do orador e sua relação com as declarações e valores expressos. A dissimulação ou o silenciamento proposital é um pecado ao Ministério da Verdade. A posição do enunciador, sua postura, seus modos, enfim, toda sua presença e discurso também remontam a verdade que ele quiser diante de um auditório religioso de almas abertas e ansiosas por descargas emotivas.

Por isso, a responsabilidade dos líderes de opinião é um relevante fenômeno social. Questões polêmicas e sociais podem ser remontadas a seu bel prazer. Schultze (1994 *apud* CAMPOS, 2008) percebeu que grande parte das comunidades evangélicas originadas na América Latina eram disseminadas em classes sociais menos cultas e com alto índice de analfabetismo (perfil comum nos países latinos até o século XX). Alinha-se a essa conjuntura, líderes religiosos com o poder da *palavra* (BRETON, 1999) que por esse recurso já conseguem um nível de influência imensurável e respaldada pela fé. Por quais caminhos seguirá a "opinião pública" dos evangélicos no Brasil? É difícil dizer, dada a multiplicidade de realidades em torno desse termo - "evangélicos" que parece ficar cada vez mais genérico. Contudo, é possível inferir que os caminhos da formação da mesma estarão, cada vez mais, dependentes dos seus líderes de opinião.

6. REFERÊNCIAS

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.). Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 119-130.

ARBEX, Jr, José Showrnalismo: A notícia como espetáculo, 2º ed, mar, 2002.

BOURDIEU, Pierre, PASSERON. Jean Claude: **A reprodução: elementos para um teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. 4 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BUCCI, E. (2011). Em torno da instância da imagem ao vivo. *MATRIZES*, 3(1), 65-79. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v3i1p65-79>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

BRETON, Philippe. A manipulação da palavra. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos. **Revista de Estudos da Religião - Rever**, p. 1-26, setembro - ano 8 - 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf. Acesso em 19 de junho de 2021.

CASAQUI, Vander. Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. **E-Compós**, v. 20, n. 2, p. 1-18, 2017.

CHAUÍ, Marilena. Simulacro e poder: uma análise da mídia. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CORNU, Daniel. Os conteúdos dos códigos deontológicos. In: *Jornalismo e verdade: Para uma ética da informação*. Lisboa: Piaget, 1994.

DE SOUZA, Daniel Reis Romero. A réplica progressista ao discurso conservador evangélico rumo às Eleições de 2020: o Instagram como arena de disputa política entre os pastores Silas Malafaia e Henrique Vieira. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. 2008. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes

FONSECA, Alexandre Brasil ; DIAS, J. Caminhos da desinformação: evangélicos fake news e WhatsApp no Brasil. 2021. (Relatório de pesquisa).

KATZ & LAZARFELD. *Personal Influence*. New York: Free Press, 1955.

LEWIS, C.S. *Cristianismo puro e simples* / C.S. Lewis; traduzido por Gabriele Gregersen. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUZ, Priscila Ribeiro Chéquer. *Evangélicos e telenovelas: tensões, resistências e negociações de sentido nos sites de notícias gospel* / Priscila Ribeiro Chéquer Luz. - 2020.

PATRIOTA, Karla Macêna. *O Show da fé: A religião na Sociedade do Espetáculo*. Tese de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2008.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: Linhas de Análise do Discurso Jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias do jornalismo no Brasil*. 1ª ed - Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.

SABOURIN, E. Desenvolvimento territorial e abordagem territorial – conceitos, estratégias e atores. In: Sabourin, E., Teixeira, O. A. (Eds.). *Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais – conceitos, controvérsias, experiências*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002.

SILVA, Hugo Wesley Oliveira. Os dez mandamentos da IURD: negociações e usos de elementos religiosos no entretenimento produzido pela Igreja Universal do Reino de Deus / Hugo Wesley Oliveira Silva. – Recife, 2022.

SOUZA, H. J. Como se faz análise de conjuntura. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.